

O GADO

*para os tempos de nhonhô meu pai,
em água azul dos pastores, sem cajado e vento...*

GREGÓRIO LUCIFER

Antônio de Pádua Barreto Carvalho
Faculdade de Letras

I

uma castanha
uma báia de orelha preta
uma moira de roxo
uma báia de chifres para trás
uma amarela manchada
uma retinta
uma amarela
uma báia de cara vermelha
uma báia
duas moiras pequenas
2 moiras médias
3 moiras grandes
1 amarelinha
uma moira amarrucada
outra amarelinha de pé fino
a de focinho torto
uma preta
uma vaca,

II

depois meu pai contou o gado
e as saracuras piaram no brejo
e os sabiás iniciaram
(num coro em lá menor)
o concerto de bradenburgo

E meu pai não viu o boi
nas invernadas verdes,

Sua cabeça adormeceu
sobre a mesa da cozinha urbana
e sentiu o cheiro agrário do fogão a gás
o tropel dos automóveis no asfalto
no cotidiano das caixas registradoras,

III

E os bois vieram chegando:
cabisbaixos

don-bernardos
raparigos
viscondessos candidatos baóbaós cabedais
porquespins
frei-jorges caçapavos
circunflexos baregães
zézumzuns
zabianos caloqueios
coronéis
bexigos
duplicatos quadrilongos
estradabranças
solitários
espingardos
bojadores
dalém-daléns
tragoleios
vagalumes
veteranos

	saltibancos	espantalhos
xerifes		
	mascates	
circunscritos	querozenes	
	figurinos	
		bentevis
barbaz is	delegados	
	dançarinos	
	embarços	
	noviorquis	

IV

Era uma vez o meu pai
que foi boiadeiro uma vez...

(A chuva caindo no telhado: aboio virulento de gotas agrícolas)